

VII

Entrámos em aposento contíguo, onde encontrámos jovem franzina, em dorida atitude. Sentada num dos leitos que se estiravam no quarto gracioso e limpo, refletia, torturada, permitindo-nos entrever-lhe o drama oculto.

O irmão Félix apresentou-a.

Tratava-se de Marita, que os donos da casa haviam perfilhado ao nascer, vinte anos antes.

Bastou uma vista de olhos para que me condõesse ao contemplá-la. Rosa humana, embora exalasse a fragrância da juventude, aquela moça, quase menina, de mãos enclavinhas sob o queixo, matutando, parecia carregar o peso estafante de tribulações cronicificadas e dolorosas. Figurava-se-lhe a cabeleira ondeada lindo toucado de veludo castanho sobre a cabeça. O rosto esculpido em linhas raras, os olhos escuros contrastando com a branura da tez, as mãos pequenas e as unhas róseas complementavam belo manequim de carne, apresentando por dentro uma criança assustada e ferida.

Tristeza maquilada. Aflição no disfarce de flor.

Obedecendo a instruções de Félix, abordei-a, enternecido, rogando-lhe, mentalmente, algo esclarecesse, em torno de si própria.

Desde o contacto com Nemésio, o benfeitor ensaiava-me, provavelmente sem querer, em novo gênero de anamnese: consultar o enfermo espiritual em pensamento, evidenciando a terna compreensão que um pai deve aos filhos, a fim de pesquisar conclusões para o trabalho assistencial.

Compelido a operar individualmente, recompus emoções.

Recobrei os sentimentos paternais que me haviam animado entre os homens e cravei o olhar indagador naquela criaturinha cismarenta, imaginando-a por filha de minha alma.

Solicitei-lhe, sem palavras, confiasse em nós, desoprimindo-se. Relacionasse, por gentileza, as suas impressões mais recuadas no tempo. Desenovelasse o passado. Reconstituisse na lembrança tudo o que soubesse de si, nada escondesse.

Propúnhamo-nos auxiliá-la. Não conseguíramos, porém, agir ao acaso. Era imprescindível que ela se nos revelasse, arrancando à câmara da memória as cenas arquivadas desde a infância, expondo-as na tela mental para que as analisássemos, imparcialmente, de maneira a conduzir as atividades socorristas que intentaríamos desenvolver.

Marita assimilou-nos o apelo, de imediato. Incapaz de explicar a si mesma a razão pela qual se via instintivamente constrangida a rememorar o pretérito, situou o impulso mental no ponto em que obtinha o fio inicial das suas recordações.

Os quadros da meninice se lhe estamparam na aura, movimentados como num filme.

Vimo-la pequenina, hesitante, nos passos primeiros.

E, enquanto desfilavam os painéis ingênuos do que lhe havia acontecido, logo após o soerguimento do berço, ela alinhavava cluediações inarticuladas, respondendo-nos às perguntas.

Sim — relembrava, supondo falar consigo —, não era filha dos Nogueiras. Dona Márcia, a esposa de Cláudio, adotara-a. Nascerá de jovem suicida. Aracélia, a mamezinha que não conheceu, fora tomada a serviço do casal, por ocasião do matrimônio daqueles que o destino lhe impusera na condição de pais. Quando se entendera por gente grande, a genitora de Marina lhe dera a saber, através de informações pessoais, a breve história da mulher

Simpleza e pobreza que a trouxera no mundo. Recém-chegada do interior, procurando emprego humilde, Aracélia acolhera-se-lhe à moradia, encaminhada por senhora de suas relações. Era bonita, espontânea. Brincava, gostava de festas. Findos os compromissos casciros, divertia-se. Pela ternura expansiva, granjeara amizades, passeava, dançava. Alegre e comunicativa, mas operosa e correta. Às vezes, regressava, tarde da noite, ao aposento que a família lhe destinara; de manhãzinha, porém, estava no posto. Nunca se queixava. Invariavelmente prestimosa, a desvelar-se do tanque à cozinha. A vista disso, embora os patrões não lhe estimassem as companhias pouco recomendáveis, não se sentiam com direito a lançar-lhe reproches. Dona Márzia era habitualmente precisa nas referências. Lembrava-se dela, enternecida. Por ocasião do nascimento de Marina, a filha única, fizeram-se mais amigas, mais íntimas. Aracélia desdobrara-se, junto dela, em carinho e dedicação. Contudo, justamente nessa época, verificara-se a grande mudança. A doméstica devotada engravidara-se, com muito padecimento físico. Por mais se esforçassem os donos da casa, instando a que se manifestasse quanto ao responsável pela situação, apenas chorava, abolindo qualquer possibilidade de se lhe tentar casamento digno. Sabia-se que, frequentando bailes a rodo, decerto se precipitara em aventuras diversas. Compadecidos, os patrões deram à jovem mãe solteira a mais ampla assistência, inclusive internando-a em estabelecimento adequado, para que a criança nascesse sob o amparo possível.

Nesse tópico das amargosas reminiscências, a menina estacou, mentalmente, qual se estivesse cansada de pensar no mesmo assunto. Fora assim que ela, Marita, chegara ao mundo.

Marejaram-se-lhe os olhos de lágrimas, estabelecendo confronto entre as provações da mãezinha e as dela própria; no entanto, para não distrair a pesquisa em curso, sugeriu-lhe continuasse.

Dona Márcia contara-lhe — prosseguiu no solilóquio — que, retornando a casa, mostrara-se Aracélia irremediavelmente abatida. Lágrimas incessantes, irritação, melancolia. Não valeram advertências, nem cuidados médicos. Na noite em que sorveu grande dose de formicida, conversara animadamente com a patroa, fornecendo a impressão de que se recuperava. Entretanto, pela manhã, foi achada hirta, com uma das mãos agarrada ao seu berço, como se, na última hora, não lhe quisesse dizer adeus.

Fundamente comovida, a jovem procurou, em vão, revisar o começo, interessada em relatar-nos quanto conhecia de si mesma. Certificava-se tão-somente de que despertara para a vida no colo de Dona Márcia, que considerara, a princípio, sua mãe verdadeira, que se ligava a Marina como se lhe fosse irmã no sangue, apegando-se a ela em todos os brincos da infância. Juntas frequentaram a escola, juntas comungaram a meninice. Partilhavam excursões e entretenimentos, alegrias e jogos. Manuseavam os mesmos livros, vestiam cores iguais.

Processava-se a análise, normalmente, mas, talvez porque o tempo avançasse, o irmão Félix se despediu, alegando obrigações urgentes. Serviços na instituição pela qual se responsabilizava não lhe permitiam delongar a visita.

Asseverou, gentil, que nos hipotecava confiança. Observou, com a delicadeza do chefe que solicita, ao invés de mandar, que esperava por zelosa atenção de nossa parte, ao pé daquela menina inexperiente, enquanto a prestação de concurso fraterno se nos tornasse possível. Enunciando a petição, notava-se-lhe o embaraço. Compreendi que ele, espírito superior, ali se achava por generosidade, à feição do professor destacado e enobrecido que desce de sua cátedra para alentar o ânimo de alunos detidos no alfabeto.

Ele sorriu com desapontamento, percebendo a

interpretação que me assomava à cabeça, e esclareceu, discreto, que possuía fortes razões para consagrar-se à felicidade daquela casa, com entranhado afeto: entretanto, a família teimava em fugir de toda atividade religiosa ou benficiante. Ninguém, ali, se interessava pelo cultivo da oração ou do estudo. Nenhum dos quatro componentes da equipe doméstica se inclinava para o serviço ao próximo. À face disso, não obstante amasse Cláudio com paternal solicitude, não se sentia autorizado a localizar-lhe, na residência, servidores sob sua orientação, sem objetivos sérios que lhe fundamentassem a atitude.

Não lhe sendo lícito assim proceder, satisfazendo a mero capricho, reconhecia-se impelido a comparecer, sob aquele teto, exclusivamente de quando em quando, ou rogar a colaboração de amigos itinerantes.

Neves e eu, pesarosos, ao vê-lo partir, destacámos nossas deficiências, mas prometemos boa vontade. Permaneceríamos de sentinela e, se alguma eventualidade ocorresse, apelaríamos na direção dele.

Félix sorriu e informou que Amaro, o enfermeiro de Beatriz, e cooperadores diversos operavam nas cercanias. Todos dedicados, amigos, prontos a auxiliar, embora sem qualquer obrigação para isso. Otimista, acrescentou que, na hipótese de necessidade, o pensamento preocupado funcionar-nos-ia por sinal de alarme.

Achámo-nos a sós, em serviço.

Findo o ligeiro intervalo, retomámos a análise em curso. Observei que Neves se esmerava, mais atentamente, em ser útil.

Marita, que se alheara das próprias reminiscências, por instante rápido, voltou, automaticamente, a memorizar, expondo-nos à vista as telas do passado próximo, que lhe eram abordáveis ao conhecimento.

Mergulhada na imaginação, qual se devaneasse,

em conta própria, surpreendia-se mentalmente no regaço materno ou colada à irmãzinha, na segurança inocente de quem se supunha plenamente ajustada ao quadro familiar. Revia Cláudio, a sustê-la nos braços, por flor tenra desabotoada num tronco juvenil, transmitindo-lhe a impressão de pai legítimo.

Oh! a felicidade fugidia da infância!... As doces convicções dos dias primeiros! Como suspirava pelo retrocesso do tempo para dormir na simplicidade!

Súbito, confrangeu-se-lhe a alma, como se implacável bisturi lhe retalhasse os nervos. Vimo-la cair numa explosão de lágrimas. Coloriu-se-lhe na mente a festa distante que lhe havia comemorado o término do primeiro curso escolar, nove anos antes. Detinha-se no instituto garrido, nos adeuses aos colegas, nas palavras de saudação e reconhecimento que proferira, feliz, diante dos mestres, e nos beijos que recebera sobre os cabelos a se lhe derramarem nos ombros. Depois... em casa, o olhar diferente de Dona Márcia, no aposento à porta fechada.

Iniciara-se-lhe, desde então, o conflito da vida inteira. A revelação inesperada ferira-lhe o espírito, à maneira de pedra contundente. Esvaecera-se-lhe, de improviso, a alegria infantil. Sentira-se criatura humana adulta, amadurecida e sofredora, de um momento para outro. Não era filha da casa. Era órfã, adotada pelos corações queridos, aos quais amava tanto, julgando pertencer-lhes. Isso lhe arrebentara o coração. Pela primeira vez, chorara com medo de enlaçar-se àquela a cujo peito se albergava, até ali, nas horas difíceis, como se se aninhasse no refúgio maternal. Sentia-se machucada, sózinha. Dona Márcia, diligenciando esclarecer com evidente bondade, explicava, explicava. Ela, até então menina estouvada e risonha, repentinamente torturada, ouvia, ouvia. Ansiava perguntar o porquê de tudo aquilo, mas a voz calara-se-lhe na garganta.

Era preciso aceitar a verdade, conformar-se, sofrer. Esforçara-se a mãe adotiva por diluir a amargura da notificação no bálsamo do carinho, mas não se esquecera de lhe dizer em tom conselheiral: «você deve crescer sabendo tudo, melhor saber hoje que amanhã; filhos adotivos, quando crescem ignorando a verdade, costumam trazer enormes complicações, principalmente quando ouvem esclarecimentos de outras pessoas», e acrescentara, diante do silêncio em que ela afogava as próprias lágrimas: «não chore, estou apenas explicando; você sabe que criámos você por filha, mas é necessário que conheça a realidade toda; adotámos você, lembrando Aracélia, tão amiga, tão boa.»

E os informes foram imediatamente complementados com a exibição de fotografias e relíquias da genitora suicida, arrancadas de pequena caixa de madeira que Dona Márcia trouxera.

Espantada, revirara nervosamente nas mãos aqueles retratos e adereços de moça pobre. Sensibilizara-se ao ver os colares de fantasia, os anéis de plaqüê. Era tudo quanto restava daquela mãe que desconhecia. Contemplou a imagem dela nas fotos que o tempo amarelecera e experimentou profunda e indizível atração por aqueles olhos grandes e tristes que pareciam arrebatá-la do quarto para um mundo diferente.

Não amadurecera, porém, o raciocínio para pensar nas angústias daquela mulher que o sofrimento abatera. A reflexão, em torno da maezinha desencarnada, durara um momento só. Achava-se melindrada em demasia para deslocar-se facilmente da sua dor. Ouvira Dona Márcia, ao despedir-se, arrecadando aqueles ternos vestígios do passado, sem prestar-lhe maior atenção. Aquelas palavras: «adotámos você, lembrando Aracélia tão amiga, tão boa», percutiam-lhe na cabeça.

Então, era assim que a despachavam para a estação da orfandade em que lhe competia viver? E os beijos do lar que admitia lhe pertencerem?

E os mimos domésticos que julgava partilhar com Marina em partes e direitos iguais?

Figurara-se-lhe Dona Márcia decididamente empenhada em falar-lhe sem a menor manifestação do efusivo amor que lhe caracterizava os gestos de outras horas. Demonstrara-lhe carinho, sem dúvida, mas racionava os afagos, qual se quisesse traçar, dali em diante, severa fronteira entre ela e a família. Imaginava-se, por isso, esbulhada, ferida. Fora simplesmente albergada, tolerada, enganada. Não era filha, era órfã.

A inteligência precoce compreendia toda a situação, conquanto não conseguisse inclinar-se, naquele dia, a qualquer agradecimento pela compaixão de que se reconhecia objeto, assaltada qual se achava pelo orgulho infantil.

Em seguida a pausa rápida no curso das co-movedoras reminiscências, Marita desdobrou-nos à vista uma cena enternecedora e inesquecível.

De minha parte, nunca registara uma dor de criança, assim, tão funda.

Ah! sim, aquele fato nunca mais se lhe desvinculara da memória. Quando a esposa de Cláudio a deixou em pranto desconsolado, viu a cadelinha da casa, magra e anônima, que Marina, semanas antes, recolhera na rua. O animalzinho abeirara-se dela, como se lhe aderisse à mágoa, lambendo-lhe as mãos. Ela, por sua vez, retribuira-lhe a carícia, qual se lhe transferisse toda a carga de amor que acreditava lhe fora restituída naquele instante, por Dona Márcia, e, chorando, abraçou-se à cachorrinha afetuosa, gritando num desabafo: «ah! «Jóia», não é só você que foi enjeitada! eu também...»

Desde esse dia, transfigurara-se-lhe a vida. Perdera, de todo, a espontaneidade.

A partir da revelação que não mais se lhe desencravou do cérebro, conjecturava-se diminuída, lesada, dependente.

Semelhante suplício moral, que adquirira aos onze de idade, atenuava-se tão-somente pela dedi-

cação incessante do pai adotivo que se lhe confirmava mais terno, à medida que Dona Márcia e a filha se lhe afastavam da comunhão espiritual.

Era sózinha em assuntos de seu sexo.

Mãe e filha empenhavam-se, deliberadamente, na abstenção de qualquer parecer, quando se tratasse das incertezas dela na escolha de figurinos. Deixavam-na à revelia de qualquer assistência nos cuidados que uma jovem deve a si mesma, embora Dona Márcia, de quando em quando, a escutasse com ternura maternal, em tudo o que se referia às suas indagações de menina e mulher, necessitada de instrução para a vida íntima.

Quando sobrevinha a possibilidade do intercâmbio afetoso, certificava-se de que a esposa de Cláudio possuía vasto patrimônio de compreensão e carinho, abafado sob o peso de conveniências e convenções, semelhando tesouro enterrado nas raízes de sólido espinheiro.

Aproveitava-se dessas horas de efusão entre ambas, exibindo-lhe todas as dúvidas e perplexidades que se lhe estacavam na imaginação, aguardando a brecha propícia.

Dona Márcia afigurava-se largar distâncias e respondia-lhe entre beijos, demonstrando vivamente que o lume da dedicação e da confiança de outros tempos não se lhe arrefecera no coração. Sorria; encantava-se. Expandia-se-lhe a meiguice maternal, em apontamentos sábios e doces. Suprimia-lhe a insipiente no trato com os problemas começantes da vida feminina, dando-lhe a impressão de haver reencontrado a maezinha, que acreditara possuir ao pé do berço, quando aquelas mãos belas e finas, agora distanciadas, lhe afagavam a cabeleira.

Entretanto, o momento luminoso escoava-se, rápido.

Marina chegava e turvava-se o ambiente.

Assistia, espantada, à transformação que se

operava de improviso. A interlocutora comprazia-se num espetáculo de personalidade dúplice.

Ocultava-se a maezinha espiritual, afável e acolhedora, e aparecia Dona Márcia, avalentoada e cortês, na atmosfera psíquica.

Inventava, de repente, alguma atividade em aposento vizinho, dava-lhe incumbências a distância, a fim de apartá-la. Assumia ares diferentes. Queixava-se súbitamente de dores que, até então, jaziam ignoradas.

Ante a reviravolta, analisava o reverso do quadro.

Ambas, unidas, completavam-se em pequeninas torpezas para deprimi-la, humilhá-la. Diminuta mancha no vestuário constituía razão para sarcasmo; ligeira indisposição orgânica atraía-lhe complicada série de admoestações jocosas e indiscretas. Concediam-lhe, raramente, a honra da companhia para compras no centro. E se as casas comerciais visitadas não dispunham, eventualmente, de recursos mobilizáveis na entrega de encomendas, não se pejavam, mãe e filha, de carregá-la com pacotes diversos, exercitando crueldade risonha nos pejorativos com que lhe agravavam o constrangimento e a subalternidade.

Dona Márcia e Marina, juntas, à frente dela, significavam provação inqualificável que lhe competia aguentar em silêncio. Nesses instantes, sentia o coração descompassado, em desconforto indizível, como se estivesse encantoada num teste de tolerância e paciência, perante examinadores que lhe avaliavam as reações, entre o chiste e a impiedade.

Cedo percebeu que a irmã, filha única, não abriria mão de ínfima parcela dos mimos caseiros, de que se supunha senhora.

Dominado o segredo de sua origem, modificara a conduta para com ela. Tramava motivos para biografá-la, nas conversações com as amigas, surpreendendo, previamente, quaisquer dúvidas, suscetíveis

de ocorrer, com relação às duas, no meio social. Criticava-lhe os gostos, as atitudes. E a genitora não fazia mistério na tomada de posição.

Em separado, não vacilava ceder-lhe a ternura que vinha do passado, enriquecida talvez pela compaixão que ela, moça pobre, inspirava no presente. Isso, porém, exacerbava-lhe a secura. Ansiava repouso em dedicações estáveis. Pesava-lhe a solidão, sem qualquer parente consanguíneo que lhe disputasse os vínculos da amizade. Mensagens aos familiares de Aracélia nunca mereceram resposta. Informações procedentes da remota cidade em que sua mãe nascera inteiraram-na, por fim, de que todos eles haviam demandado outras regiões do país, apetecendo melhor sorte.

Retinha suficiente autocrítica e discernia a situação. Estava só.

Marita, que conjecturava reaver lembranças por impulso deliberado, franqueou o propósito de recriar-se para dar conta de si, como quem se propõe alijar, por momentos, a carga que transporta, a fim de interrogar-se, quanto aos empeços do caminho.

Afrouxámos, com naturalidade, a observação aguda com que lhe acompanhávamos a exposição silenciosa.

Aliviada, indagou de si mesma se não fora o insulamento a causa de exagerar tão cedo a necessidade de companhias diferentes das que lhe traçavam no lar o estreito círculo de provas.

Encerrada nos pensamentos que lhe armavam as fantasias e receando exteriorizá-los, pelo temor do ridículo, recorrera à evasão.

Ave cansada pelo exercício prematuro das próprias asas, inquiria porque se lhe recusara alimento afetivo no ninho, onde conseguira distendê-las.

Antes, porém, que se acomodasse em algum esconderijo da mente, para fixar-se em contristações inúteis, solicitamo-la a que viesse, por genti-

leza, em apoio da análise que empreendíamos, no intuito de auxiliá-la e protegê-la.

Dócilmente, retomou as elucidações interrompidas, relacionando os primeiros dias de atividade na profissão de comerciária a que se afizera.

As rememorações externaram-se em jorro.

Entremos trou-nos o movimentado estabelecimento comercial em que Cláudio lhe obtivera a função de balconista. Pequeno mundo da preferência feminina. Bijuterias, perfumes, tecidos leves, roupas feitas.

No dia imediato àquele em que o pai adotivo lhe trouxera da rua um bolo enfeitado com dezenas rosas pequenas, para comemorar-lhe o aniversário, entrara em serviço.

De começo, tudo hesitação e novidade.

Vira-se, depois, atirada aos embates do sentimento. Ligações novas, ideias renovadas.

Aliciara relações confortadoras, expandiram-se-lhe os interesses, permutava confidências, conquistava simpatias.

A imaginação agora se lhe excitava em descontrole, sugerindo-lhe adornar-se com esmero, de modo a se destacar diante do herói que lhe viria, decerto, governar o império emotivo, oferecendo-lhe um lar, pedaço de paraíso em que pudesse anestesiá-lo o coração, desoprimir-se e achar a felicidade.

Menina bisonha, circunscrevia, até então, todos os conhecimentos, em matéria de amor, aos romances em que cinderelas anônimas acabavam em deslumbramento, nos braços de príncipes que as arrancavam da obscuridade para a glória. Entusiasmava-se com novelas e filmes que terminavam pelo altruísmo coroado ou pelas supremas aspirações humanas, convenientemente atendidas.

O destino, entretanto, escarnecera-lhe da inocência.

Comparava o contacto da vida prática a podão implacável que lhe talara todas as flores do jardim de sonhos juvenis.

A princípio, a desilusão conturbara-lhe o ânimo, através de um colega que a obsequiava, repetidamente, com entradas de cinema. Conhecia-lhe a noiva, professora jovem e distinta que se lhe afeiçoara ao convívio.

Que mal em se verem juntos para uma fita simpática, de vez em vez? Iniciaram-se os momentinhos de encontro fraterno. Intimidade dos minutos propícios. Copacabana, aqui e ali. Um cafêzinho de bar, nas horas de vento frio, um sorvete na praia, quando o calor vinha forte. Mera camaradagem. Amiguinho, fazendo o papel do irmão que não tivera.

Veio, porém, a noite em que ele se apresentou, transtornado. Chegara sem a noiva, que se dirigira a Petrópolis. Acontecimento natural, conquanto raro. Nada prenunciava sucessos desagradáveis, nenhum motivo de inquietação.

Conversaram, pacificamente, nas areias do Leme. A Lua nascera, plena, inspirando-lhes pensamentos mansos e alegres, enquanto se expunham ao sopro refrigerante do mar.

O trabalho na loja fora banho de suor copioso, no dia cálido.

Falavam acerca de freguesas apressadas, mencionando clientes ásperos. Riam-se, despreocupados, ao jeito de colegiais, no intervalo das lições.

Ele, no entanto, começou o inesperado, reportando-se a medidas. A fila métrica, a seu parecer, não satisfazia, de todo, em casos determinados de atendimento. Necessária a adoção de recursos psicológicos para tranquilizar compradores inquietos, quando se interessassem simplesmente por fragmentos de rendas ou passamanes.

Nisso, pediu-lhe a mão pequena para confrontá-la com a dele e, respondendo, espalmara a destram qualquer prevenção.

Assustou-se, ao sentir-lhe a mão hirsuta e masculina, comprimindo-lhe os dedos.

Intentou desvencilhar-se. O rapaz, contudo, fêz-

-se claro nos propósitos infelizes. Puxou-a, num gesto brusco, de encontro ao peito, gaguejando declarações.

Na vertigem da pessoa atingida pelos efeitos de um raio, em momento de céu aparentemente azul, quis gritar, reclamar socorro, mas o sangue turbilhonava-lhe na cabeça.

Impetuosamente submetida àqueles lábios que se colavam aos dela, desfaleceu por segundos.

O hálito sedutor do primeiro homem que a retinha, submissa, destilava o magnetismo da serpente, quando hipnotiza o pássaro confiante.

O desmaio, no entanto, durara um instante só. A profunda e invencível reação da feminilidade unida à consciência surdiu, rápida. A noção de responsabilidade relampagueou-lhe no raciocínio. Bastou isso e o impulso sexual esmoreceu, neutralizado. Ideou a imagem da amiga ausente, compreendeu todo o perigo a que se expunha.

Aspirava, sim, a ser mulher de um homem, companheira de alguém que lhe fôsse companheiro. Compenetrava-se, com humildade, da sua condição de criatura humana, moça sequiosa de afeto, prelibando emoções da maternidade, mas não concordaria com o próprio aviltamento em deslealdade ou devassidão.

Apelou para todas as energias de que se reconhecia capaz e, tocada de súbita resistência, arrojou longe o perseguidor que lhe pressionava o busto tremente.

Desembaraçada, o pranto explodiu-lhe quente e doloroso.

Interpelações da alma sincera estouraram, contundentes e francas.

Onde os compromissos do noivado? que fazia da jovem correta que lhe empenhara o destino? trazia, assim, o coração rolando tão baixo? não possuía, acaso, mãe e irmãs, para as quais exigia valimento e respeito?

Lívido e atarantado, o colega escusou-se, asse-

verando, impudente, que não a supunha meninota antiquada.

Estava comprometido, noivo há meses, no entanto — sublinhou, cínico —, a seu modo de ver, era muito natural que ele e ela, Marita, ainda jovens, desfrutassem o tempo, acrescentando, ainda, em sua filosofia desabusada, que todo viajante consciente, embora conheça o caminho certo, é livre para saborear os frutos que pendam de plantas erguidas à margem.

Zombou-lhe das lágrimas e retirou-se, garranhando, sarcástico, para depois hostilizá-la em serviço.

Ocorreram outros impedimentos e tentações.

O sobrinho do chefe, bonito rapagão recém-casado, insinuara-se, começando por um presente de aniversário e terminando por solicitar-lhe colaboração no escritório, onde pretendeu arrancar-lhe atitudes inconfessáveis. Angariara inimigo novo e amargara preterições.

Enquanto isso, observava que Marina se alterara, sensivelmente. Favorecida pelo devotamento materno, alcançara diploma de contadora, situando-se com manifestas vantagens. E, decerto pelo motivo de ganhar expressivas somas na profissão, sustinha, desajuziadamente, prodigalidades e excessos. Figurinistas de prol, penteados extravagantes, bebedeiras e tasulices.

Nesse ponto das confidências mudas, o vulto de um jovem raiou, nítido. Ao estampá-lo na paisagem dos mais recônditos pensamentos, transfigurou-se a castigada criança.

Desanuviou-se-lhe o firmamento íntimo. Queixas arredadas, apreensões esquecidas.

Clareou-se a aura de tal modo, ao refletir o rapaz, que o fenômeno induzia às mais belas apreiações do entusiasmo poético. Vaso pensante que incorpora o privilégio de esculpir-se e alindar-se, à vontade, para encerrar a flor predileta. Lago consciente, mantendo a faculdade de esconder, de inopi-

no, todos os detritos de suas águas, metamorfoseando-se em espelho suave e cristalino para retratar uma estrela.

Marita amava o escolhido com a firmeza da árvore que se levanta sobre a raiz principal de apoio, com a abnegação das mães, que preferem morrer, felizes no sacrifício extremo, se for essa a condição para que os filhos queridos logrem viver.

Enlevoado com o painel, que se configurava qual retábulo vivo, incutindo respeito religioso, interroguei-me, quanto ao lugar onde teria visto quadro idêntico: jovem mulher plasmando aquele rosto no campo mental.

Vasculhei a memória e identifiquei-o. Era o adolescente cujo semblante repontava dos pensamentos de Marina, senhoreando-lhe o coração, de parceria com Nemésio.

Ambas as meninas jaziam espiritualmente imanadas a ele por laços idênticos. Cruzavam-se-lhes as preferências, sócias de análogo destino.

Relanceei o olhar sobre Neves, que me espreitava, atento, exercitando-se em serviço de análise psíquica, percebendo-lhe a face transida de mágoa.

Bastou recolher-me o sinal e aproximou-se, impulsivo, segredando-me, transtornado:

— Ainda não nos entendemos devidamente. Sabe você quem é este? É meu neto, Gilberto, filho de Beatriz...

Articulei breve aceno, rogando-lhe aguardar ensejo que fôsse vantajoso à conversação, e graduei, dentro de mim, os efeitos do impacto emocional. Eu, que me abeirara daquela atormentada criança, imaginando-me na posição de um pai socorrendo uma filha, sopitei, a custo, o espanto que me assaltava, para não tresmalhar-me na inconveniência da compaixão destrutiva.

Não sabia de que modo o pesar me doía mais, se ao refletir em Marina, a dividir-se entre pai e filho, ou se ao concentrar a atenção naquela moça

triste, profundamente lesada nos tesouros do sentimento.

Estanquei no íntimo as impressões que me sensibilizavam e prossegui, pesquisa adiante.

A muda confissão da jovem avançou em reminiscências vivas e francas.

Conhecera Gilberto, precisamente há seis meses, no gabinete do chefe. Ela prestava informações de serviço, ele representava os interesses do próprio pai, em negócios alusivos à venda de imóveis.

Com que deslumbramento lhe recebera os primeiros olhares afetuosa e indagadores! Elos de intensa afinidade passaram, desde então, a junti-los-um ao outro, sem que lhe fôsse possível justificar a sede crescente de comunhão que a dominava.

Para surpresa maior, na excursão inicial que lhes precedera a série de passeios e entretenimentos felizes, soubera, satisfeita, que Marina, recentemente empregada, se fizera contadora da firma em que o genitor dele se destacava como sendo a figura mais importante.

Riram-se da coincidência com a ingenuidade de duas crianças.

Marita confiara-se a ele, integralmente. Amava-o, sentia-se amada.

Desde que se lhe apoiara no braço, pronto a enlaçá-la e protegê-la, mais vastos horizontes se lhe descerraram à alma. Tolerava as alfinetadas do cotidiano, transformando-as em notas de perdão e alegria. A Natureza desvendava-lhe encantos novos. Admitia que outra luz se lhe acendera nos olhos, permitindo-lhe descobrir a beleza do mar; detinha, sem explicá-la, certa música nos ouvidos para assinalar, contente e embevecida, as ternas arengas das crianças e as vozes dos passarinhos. Desligara-se do calvário doméstico; o tempo voava, doce, ao coração. O amor correspondido anestesiara-lhe a sensibilidade. Nenhum peso a carregar, nenhuma noção de sacrifício.

Dera-se a Gilberto, copiando a passividade da

planta que se rende ao cultivador, da fonte que se entrega ao sedento.

O filho de Nemésio Torres prometera-lhe casamento. Falava do futuro risonho, suscitava-lhe sonhos de maternidade e ventura. Para fazê-la integralmente feliz, apenas aguardava a melhoria econômica que adivinhava perto.

Apesar de tudo, tinha agora o coração farpeado, abatido. Convencia-se de que Gilberto se enfatizara, que ambos, precipitados à fome de prazer, haviam colhido, antes do tempo, a flor da felicidade que parecia frustra.

Marina adiantara-se. Sempre Marina...

Na véspera, surpreendera a irmã e Gilberto num colóquio, que não deixava dúvidas. Ouvira-lhes a conversação impregnada de ternura ardente, sem ser pressentida.

Nesse ponto das lembranças amargas, ao modo de ave repentinamente ferida, estirou o corpo desgovernado, abandonando-se a lágrimas convulsas.

